

Teologia Adventista: A Conexão Wesleyana

Woodrow W. Whidden - Andrews University

O autor examina as conexões teológicas Adventistas com a tradição Wesleyana/Arminiana.

Embora seja verdade que a teologia Adventista não pareça estar exclusivamente em débito com alguma tradição teológica Protestante principal, o presente artigo argumentará que a linha base mais imediata e essencialmente formativa foi fornecida pela Tradição Wesleyana/Arminiana.

É totalmente claro que existiram ênfases distintas na tradição Adventista, especialmente quando ela chegou à escatologia (tais como a Segunda Vinda iminente e o Milênio). Estas características escatológicas surgiram do amplo impulso da preocupação milenialista Americana no início do Século Dezenove.

Além disso, existiram algumas ideias claras que vieram para a tradição teológica Adventista do Sétimo Dia dos Luteranos, dos Calvinistas/Reformados, da Reforma Radical (Anabatistas), dos Puritanos, dos Pietistas e das Tradições Restauracionistas. Porém estou sugerindo que a maneira em que os Wesleyanos entendiam as questões envolvidas com soteriologia e as intimamente relacionadas com a natureza do homem, com a lei^[1] e com o pecado foram mais diretamente formativas para o núcleo da teologia Adventista.^[2]

Outras questões formativas com um sabor Wesleyano diz respeito à metodologia teológica Adventista, ao Trinitarianismo, à maneira em que a autoridade Bíblica é entendida e usada e a organização da igreja. Este documento, entretanto, se concentrará nas questões sobre a salvação. Estas influências soteriológicas Wesleyanas encontram seu testemunho mais notável em Ellen White.^[3]

Sob a ampla categoria da soteriologia, os conceitos mais notáveis tratam do chamado e eleição divinos, e as maneiras em que a justificação e a santificação são ensinadas, relacionadas e enfatizadas.

Com os Wesleyanos, o Adventista tem desejado falar especialmente da salvação pela graça através da fé somente, porém tal visão *sola gratia, sola fide* está intimamente ligada com uma ênfase sobre a fé entendida como uma participação ativa na graça de Deus. E tal fé participativa recebe esta graça de uma maneira responsável. Esta concepção de fé e graça tem dado uma forte ênfase a uma visão (versão) de Santificação que envolve transformação extensiva do caráter. Não deve causar surpresa que tal ênfase tem conduzido a um cuidadoso e habilidoso entendimento de perfeição.

O que segue será uma análise preliminar destas principais perspectivas, procurando demonstrar como estas influências Wesleyanas/Arminianas afetaram a formação teológica Adventista.

Natureza Humana e Pecado

Embora os Adventistas não tenham estado confortáveis com o entendimento Agostiniano/Calvinista do pecado original, ensinado em termos de culpa original, estavam muito à vontade no que poderia ser chamado de tradição da “depravação total.” João Wesley argumentava claramente sobre o “pecado original” como culpa original; mas devido aos efeitos da “graça prévia” esta culpa foi cancelada e a habilidade básica para responder livremente às iniciativas redentoras de Deus (conhecida popularmente como “vontade livre”) foi recriada na alma individual.^[4]

Chamado Redentor e Graça Preveniente

Wesley sempre falou da resposta redentora ao penitente como o fruto da graça imerecida que foi “previamente” concedida pelo chamado, da obra convincente e convertedora do Espírito Santo. Porém ela estava sempre chamando e convencendo àqueles que levavam a liberdade humana muito seriamente e procuravam evitar as categorias deterministas, predestinadoras do Calvinismo.^[5]

O conceito de “graça prévia” era um dos ensinamentos mais primorosamente elaborados; porém a essência dele era a seguinte: Deus vem para levar os pecadores a uma compreensão de Seu amor redentor e sua grande necessidade causada pelo pecado – original e habitual. Tal entendimento ajudou os Wesleyanos a evitarem os extremos do Calvinismo e do Pelagianismo deterministas.^[6] Esta perspectiva entende que os

pecadores não buscam naturalmente a Deus, mas Ele os procura sinceramente para entrarem num relacionamento redentor consigo. Tal busca graciosa “cria” uma proto-renovação que capacita a alma condenada a responder à oferta redentora de Deus.

Embora a teologia Adventista não tenha costumeiramente usado o termo técnico “graça prévia,” seu Arminianismo evangélico certamente expressa a essência do conceito.^[7]

Justificação e Santificação na Balança

O ensino de Wesley sobre justificação pela graça através da fé somente, claramente fazia parte da tradição Protestante. Seus pontos de vista se opunham resolutamente a qualquer conceito que tivesse sabor de obras de justiça como base de aceitação. Ele se opunha à versão da justificação Agostiniana/Tridentina que entendia a absolvição e o perdão divinos como fruto de uma justiça introduzida. Em outras palavras, na ordem da salvação, justificação e santificação estão duas facetas intimamente relacionadas da graça redentora, mas facetas que dever ser claramente separadas.^[8]

Embora Wesley entendesse a prioridade da justificação (logicamente, não temporariamente), ele a via não apenas como a porta para a santificação, mas seu acompanhamento essencial, constante. Contudo, ele era cuidadoso com a maneira que os Protestantes (especialmente os da ala Reformada/Calvinista do Reavivamento Evangélico Inglês do 18º Século) usavam o conceito da “justiça imputada de Cristo.”

A razão para sua sensação de desconforto (algumas vezes oposição quase grosseira) era a maneira que ele percebia que os Calvinistas estavam usando o conceito para denegrir a santificação e abrir a porta tanto para atitudes como comportamento teológico e prática antinomiana. Em outras palavras, embora Wesley fosse claro que a justificação concede graciosa aceitação através do perdão dos pecados passados, ele não se sentia confortável com as implicações do ensino que a vida de Cristo (Sua obediência ativa) era imputada, ou computada para a conta dos crentes para “cobrir” pecados presentes. Ele sentia que tal conceito imputava justiça pondo em perigo a santificação.

Muitos no Reavivamento Evangélico Inglês estavam reivindicando que sendo que Cristo cobria suas ações presentes, incluindo pecados, eles não precisavam se preocupar em vencer o pecado. Para Wesley, porém, justificação pela fé somente deve ser acompanhada pela santificação pela graça através da fé.

Tal visão da vida Cristã certamente é muito mais participatória que as concepções de Calvino^[9] e especialmente dos seus herdeiros Escolásticos Reformados. Em outras palavras, para Wesley, os crentes “são perdoados afim de participar;”^[10] o pensamento que crentes perdoados pudessem abdicar da apropriação da vida ativa do caráter de Cristo através das obras do Espírito Santo era simplesmente anátema para Wesley.

Tal modelo participativo da experiência Cristã é melhor entendido como um “meio” de vida do que uma ordem ou série de eventos redutores discretos tendo pouco relacionamento causativo com um outro. Neste veio, Randy Maddox argumentou que o ponto de vista de Wesley é mais bem expresso como uma *via salutis* em vez de uma expressão mais Reformada/Escolástica *ordo salutis*. Este “meio” de salvação envolve paradas distintas no caminho, porém cada uma está intimamente relacionada com o que aconteceu em paradas anteriores e prepara o caminho para eventos e pausas futuros na marcha para o reino.

Maddox provavelmente compreendeu o espírito desta figura *via salutis* com sua caracterização da chave teológica do princípio organizador de Wesley como “graça responsável.” O que Maddox quer dizer com isto é que cada pausa no caminho da salvação não está apenas vitalmente relacionada com aquilo que vem antes e depois, mas que a obra de Deus em cada parada do caminho requer uma resposta apropriada do crente que se manifestará em comportamento graciosamente “responsável” – espiritualmente e socialmente. O despertar e convicção provenientes de Deus são necessários para trazer à tona uma “resposta” ao perdão de Deus e o perdão requer participação transformadora “responsável” (como oposto a irresponsável). Esta participação “responsiva” resultará em um crescimento “responsável” na graça que conduz à plenitude da graça transformadora – a perfeição Cristã.

A ressonância que tais categorias Wesleyanas possuem com aquilo que é encontrado no livro *Caminho a Cristo* é absolutamente surpreendente. O Adventismo, sob a influência poderosa da própria Ellen White Wesleyana, não tem estado confortável com a ênfase no ensino da salvação que tende a denegrir quer a salvação pela graça através da fé somente ou a importância da obediência e santificação. Juntamente

com Wesley, temos procurando manter unidas justificação e santificação. Temos desejado falar de salvação em termos de jurídica, ou metáforas forenses (justificação, satisfação da justiça e julgamento divinos) e cura ou metáforas terapêuticas (reconciliação, recuperação de toda infecção pecaminosa e participação com o Grande Médico).

As posições de Ellen White sobre justificação e santificação são para todos os propósitos práticos aproximadamente idênticas às de Wesley. Embora ela não fosse tão reticente como Wesley ao usar tais termos como “imputação” e “revestimento” da justiça de Cristo, as diferenças em seus respectivos entendimentos de justificação pela fé correspondem a jogos de palavras teológicas ou a uma “discussão sobre palavras.” Embora a comparação de seu pensamento sobre santificação e perfeição requeira um tratamento mais matizado do que a justificação, a essência daquilo que eles se empenham para expressar possui semelhanças surpreendentes. Um breve esboço dos ensinamentos de Wesley sobre santificação e perfeição será útil.

Santificação e Perfeição

A resposta apropriada do penitente à oferta de perdão regenerador de Deus é sua participação transformadora. Tal transformação de caráter tinha muito mais que ver com um processo atenuado do que com eventos discretos. Em outras palavras, Wesley via a santificação como uma experiência dinâmica de crescimento na graça. Porém ele não exclui a necessidade de alcançar um importante marco instantâneo ao qual ele se referia variadamente como “santificação total,” “perfeição,” “perfeição Cristã,” “amor perfeito,” “santidade,” e “plenitude de fé.” Este marco ou estado poderia ser alcançado absolutamente cedo no “caminho,” porém mais normalmente vinha depois de uma longa caminhada com Deus – costumeiramente nesse momento.

A chave para entender a dinâmica da perfeição como uma segunda obra, distinta da graça, deve levar ao entendimento da antropologia dualista de Wesley e sua distinção entre “pecado original” e “pecado não original.”

Concernente à sua antropologia, Wesley fez distinções claras entre alma e corpo. Enquanto o corpo certamente era afetado pelo pecado, o próprio assento do pecado original estava na alma. O que era entendido é que no momento da perfeição o pecado original era suposto ser erradicado. O resultado prático desta erradicação era que aquele que se tornava perfeito não sentiria mais as propensões do pecado interior e o resultado seria que o “pecado original” não mais se manifestaria.

O que Wesley queria dizer por “pecado original” é que não deveria mais existir o pecado voluntário de qualquer espécie. Escolher pecar causaria a queda descontrolada da graça. Entretanto, os “pecados não originais” ainda poderiam existir; isso era entendido como defeitos e lapsos obscuros devido às enfermidades permanentes produzidas pelos efeitos do pecado. Embora estes “pecados não originais” ainda necessitassem da graça perdoadora, eles não estavam na mesma categoria culpável como os “pecados originais.”

Tais definições notáveis resultaram em uma distinção entre pecados “mortais” versus pecados “veniais.” Colocando de outra maneira, o pecado “original” devia ser livremente escolhido; pecados de mão levantada do hábito, pressuposição e rebelião; enquanto que os “não originais” seriam mais na categoria de negligência benigna, frutos da enfermidade (esquecimento, falta de conhecimento, etc.) – o lado inconsciente da vida golpeado. Declarado mais positivamente, aqueles que se tornavam perfeitos eram cheios de amor, louvor, alegria, humildade, e ricos em obras de caridade, serviço e obediência. Mas tal experiência estava sujeita à perda se o crente que se tornava perfeito não perseverasse na confiante participação na graça imputada e comunicada de Deus.^[11]

Ellen White,^[12] juntamente com Wesley, desejava enfatizar a santificação como um processo (a *via*), não simplesmente um evento único. Em contraste com Wesley, entretanto, seus escritos estão repletos de advertências sobre o ensino da santificação como uma experiência instantânea. Sua expressão favorita é que ela é “obra de uma vida.” Ela se inclinava a falar não em termos de erradicação do pecado original, mas de obter vitória sobre as tendências e hábitos pecaminosos.

Embora Wesley nunca usasse o termo “perfeição sem pecado” para descrever o estado daquele que se tornava perfeito, muitos entenderam ser assim e a porta foi aberta para numerosas lutas com o

perfeccionismo fanático.^[13] Mas para todos os propósitos práticos (menos a erradicação instantânea do pecado original – possivelmente a ser comparada com a extração de um dente estragado),^[14] Ellen White usou muitas das categorias essenciais de Wesley: uma forte ênfase na santificação como processo e a distinção entre pecado intencional e pecados acidentais de imaturidade e enfermidade.

Minha própria pesquisa no entendimento de Ellen White sobre salvação certamente revelou sua ênfase principal, tanto pela característica teológica, destaque e volume completo de literatura, sobre santificação, perfeição e transformação do caráter.

Muitos Adventistas, especialmente aqueles influenciados mais diretamente pelas categorias Reformadores (especialmente Reformados/Calvinistas) são até certo grau importunados por estas ênfases sobre santidade. Mas aqueles que realmente procuram perseverar com sua ênfase sobre categorias Reformadoras ela é uma ênfase sobre justificação pela fé somente. Além disso, o que eles desejam evitar é alguma coisa que possua sabor de tendências legalistas, de salvação pelas obras ou invasões sutis da tendência.

Eu sugeriria que quando tanto White quanto Wesley forem claramente entendidos, tudo sobre as categorias de “somente pela fé” que eles desejariam argumentar já o fizeram. Porém, eles não são acompanhados por tais tentações antinomianas apresentadas pela eleição e perseverança irresistíveis e pelo uso presunçoso de tais expressões como a “justiça imputada de Cristo.” Em outras palavras, a salvação é entendida ser pela graça através da fé somente (não pelas obras), porém a natureza da verdadeira salvação (em Cristo) jamais estará sozinha. Participação na graça de Cristo sempre conduzirá aos frutos da fé – obediência amorosa, serviço, testemunho alegre e adoração.

Síntese de Wesley e o “Juízo Investigativo”

A capacidade teológica do esforço de Wesley se demonstra em traçar uma cuidadosa síntese das categorias jurídicas do Ocidente Latino (filtrado através de Lutero e Calvino, especialmente Calvino) com as categorias terapêuticas da Tradição Oriental.

Outro importante fruto desta síntese precisa de elaboração. Embora Wesley não denuncie de modo importante a escatologia Adventista, sua ênfase sobre graça responsável leva à sua articulação de um conceito que ele designava como “justificação final” ou “salvação final.”^[15] Este ensino desempenhou um importante papel formativo de pano de fundo do desenvolvimento da doutrina Adventista do julgamento investigativo.^[16]

Em sua peleja polêmica com os Calvinistas, Wesley muitas vezes provocou a ira de eles quando falava da “justificação final.” A essência do que ele queria dizer com esta expressão era: embora não possamos “merecer” a salvação final ou que nossas obras sejam um pré-requisito para a aceitação de Deus, a pessoa verdadeiramente salva terá a evidência da fé genuína nos frutos inevitáveis de sua experiência de santificação. Desse modo embora a santificação não seja “imediatamente” necessária para a justificação inicial (é somente a fé que confia), ela evidentemente é necessária para a justificação final. Ela é o fruto evidente da fé que participa e se torna o trigo a ser moído para qualquer julgamento de acordo com as obras.

As implicações básicas deste entendimento da “justificação final” se assemelha a isto:

Se alguém aceita que a salvação pode ser perdida, como oposto à ênfase predominante dos Reformadores Magisteriais que ela não poderia ser, então a próxima pergunta a ser feita é: sob quais circunstâncias ela pode ser perdida? Lutero e Calvino, fortemente influenciados por Agostinho, enfatizavam que a salvação era irresistivelmente concedida ao eleito. Visto que Deus concede isto irresistivelmente, então Ele tem a obrigação de garantir a perseverança. Porém, no momento em que algo semelhante às categorias Arminianas do livre-arbítrio é inserida, neste momento a qualidade do processo de salvação assume importância crítica. Tal processo então se torna tão essencial para a salvação como aquele que acontece durante os primeiros momentos – i.e. justificação e imputação.

Para Wesley, a natureza responsável da graça era a aceitação inicial escolhida livremente e a constância livremente concedida na participação contínua. É a qualidade desta participação contínua dos santos responsáveis que finalmente legitima a genuinidade de sua eleição. Resta então um salto muito curto para correlacionar a doutrina Bíblica de um julgamento de acordo com as obras, o fruto e evidência

legítimos da fé genuína que salva. Os crentes não são salvos pelas obras, ou pela fé mais obras, mas por uma participação fiel na graça de Deus que opera!

Não é acidente que os grandes inimigos dos pontos de vista de Wesley sobre justificação final (aqueles talhados pela Tradição Reformada) são os mesmos inimigos que têm se oposto fortemente à doutrina Adventista do Julgamento Investigativo. Embora todas as obras dos humanos pecadores (incluindo a daqueles que segundo Wesley alcançaram a perfeição ou aqueles santos, mas atormentados de coração de Ellen White – mesmo aqueles no “tempo de provação”) precisam dos méritos de Jesus atribuídos á elas, enquanto dão testemunho da genuinidade de fé no julgamento. No momento em que algum teólogo coloca algo semelhante à escolha, livre arbítrio, ou graça imerecida, ou sugere que a salvação pode ser perdida, é nesse momento que um julgamento investigativo (pré-Advento, no Advento, ou pós-Advento) se torna uma possibilidade distinta.

Para os Calvinistas, tal julgamento de acordo com as obras se torna preferivelmente uma nota de rodapé indiferente para a história da salvação. Para aqueles que estão na Tradição Wesleyana, tal julgamento revela não apenas a vontade de Deus, mas a evidência que justifica ou vindica as decisões cuidadosamente pesadas do julgamento.

Eu sugeriria que o uso que Thomas C. Oden faz da expressão “julgamento investigativo” para se referir ao ensino de Wesley a respeito da grande cena de julgamento que transpira na Segunda Vinda não é escolhido de maneira descuidada ou frase acidental.^[17] Novamente, vamos ser claros sobre estas implicações: no momento em que teólogos abrem a porta para a escolha e levam a participação da fé na experiência da santificação seriamente – é nesse momento que um clamor para um real julgamento de investigação é necessário. Tal julgamento revelará as escolhas fatídicas verdadeiramente determinaram o destino eterno do professo povo de Deus. Não há lugar aqui para pensamentos deterministas posteriores!!! Não há salvação pelas boas obras, mas a revelação da fé verdadeira que opera por amor e produz evidência de libertação.

Novamente deve ser enfatizado que Wesley não ensina que tal julgamento investigativo era Pré-Advento. Ele, entretanto, ensinou claramente que este era “co-Advento”^[18] e supunha ser um julgamento genuíno baseado na evidência tiradas das obras frutíferas daqueles que haviam confiado nos méritos de Cristo. Em outras palavras, suas obras genuínas, evidenciais tinham surgido de uma experiência de participação da pessoa perdoada. Os Calvinistas ainda se tornam subitamente irados quando confrontados com tal ensino.

Conclusão

As exposições cuidadosamente expressas de Wesley sobre a “graça responsável” certamente forneceram o pano de fundo mais imediato para os desenvolvimentos soteriológicos Adventistas (apoiados pesadamente por Ellen White). As tentativas Adventistas para manter uma síntese balanceada da lei e da graça, fé e obras, justificação e santificação, foram claramente antecipadas e amplamente apoiadas pelos ensinamentos de Wesley e seus seguidores Americanos. Foram tais grupos que ajudaram a estabelecer os fundamentos do próprio núcleo da soteriologia Adventista e uma de suas contribuições distintivas para a escatologia – o Julgamento Investigativo, Pré-Advento.

[1]. O espaço não permite um tratamento da conformidade do ponto de vista de Wesley sobre a lei com a ênfase do Adventismo, porém as semelhanças são surpreendentes. Recomendo com insistência uma leitura cuidadosa e atenta do “Excursus: Wesley on the Nature and Uses of he Law” de Randy Maddox em *Responsible Grace: John Wesley's Practical Theology* (Nashville: Kingswood Books [An Imprint of Abingdon Press], 1994), pp. 98-101.

[2]. Como uma introdução à teologia de Wesley, as seguintes obras recentes devem fornecer ajuda: Thomas C. Oden forneceu um excelente sumário dos principais documentos teológicos primários de Wesley em seu livro *John Wesley's Scriptural Christianity* (Grand Rapids: Zondervan, 1994); o livro *Responsible Grace* de Randy Maddox é a melhor pesquisa recente da teologia de Wesley; Maddox

apresenta um sumário completo de Wesley (especialmente como sua teologia se revela durante o Reavivamento) e uma exaustiva interação com os principais intérpretes de Wesley. Oden e Maddox fornecem extensas referências bibliográficas para a literatura primária e secundária.

[3]. Para pano de fundo sobre documentação adicional desta disputa, veja meu "Adventist Soteriology: Wesleyan Connection," *Wesleyan Theological Journal* 30 (Spring 1995), pp. 173-86 e *Ellen White on Salvation: A Chronological Study* (Hagerstown: Review and Herald Pub. Assoc., 1995), pp. 15-22.

[4]. Para um tratamento mais extenso de Wesley sobre pecado e graça prévia, veja Oden, pp. 149-76; 334-43 e Maddox, pp. 73-93 e 180-85.

Wesley e seus seguidores Americanos primitivos certamente desejavam falar mais em termos da "livre graça" em vez da "livre vontade." Mas não importa como ela foi expressa, a essência do entendimento Wesleyano era alguma coisa mais Arminiana do que os competidores Calvinistas/Reformados tanto Norte Americanos como Britânicos poderiam tolerar.

[5]. Wesley teria dito um entusiástico amém à elegante descrição que Stephen Neill fez da liberdade humana: "A dimensão característica da existência humana é a liberdade. Sobre este estreito banco de areia entre a existência e a inexistência, entre coerção e caos, Deus retirou sua mão tanto quanto possível para criar um espaço no qual possamos ser realmente, embora não incondicionalmente, livres. Em Jesus vemos como é um homem livre." (*Christian Faith and Other Faiths*: Downers Grove, Ill: Intervarsity Press, 1984), p. 23.

[6]. Os comentários de Oden são especialmente afiados; veja pp. 149-59, 175 e 176.

[7]. A expressão clássica pode ser encontrada no livro *Steps to Christ* de Ellen White (Takoma Park, MD: Review and Herald Publishing Assoc., 1908), pp. 24-29, 32, 35, 36, 40, 49, e 54.

[8]. Para um tratamento mais extenso dos pontos de vista de Wesley sobre justificação e santificação (incluindo perfeição), veja Oden, pp. 187-212; 311-34; e Maddox, pp. 148-51; 166-91.

[9]. O entendimento de Calvino sobre santificação está muito mais próximo do ensino de Wesley do que estava a ênfase dada por muitos na Tradição Luterana.

[10]. A erudição Wesleyana está em débito com Albert Outler por esta terminologia "perdoado para participar;" veja Maddox, p. 168.

[11]. Em outras palavras, a perfeição era remissível – ela poderia ser perdida.

[12]. Para um estudo popularizado do entendimento de Ellen White sobre justificação e santificação, veja meu *Ellen White on Salvation*, capítulos 9-17. Para um estudo mais detalhado, veja meu "*The Soteriology of Ellen G. White: The Persistent Path to Perfection, 1836-1902*" (Dissertação para o título de PhD, Andrews University, 1989), especialmente os capítulos 4-6.

[13]. Richard P. Heitzenrater, *Wesley and the People Called Methodist* (Nashville: Abingdon Press, 1995), pp. 205-11.

[14]. A terminologia é essa de R. Newton Flew; veja Hans K. LaRondelle's *Perfection and Perfectionism* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1971), p. 323.

[15]. Veja Oden, p. 329 e Maddox, p. 171, 172.

[16]. Não conheço nenhum caso onde Ellen e James White, Joseph Bates ou J. N. Andrews expressaram dependência direta, consciente de Wesley como uma fonte para o desenvolvimento do ensino do Julgamento Investigativo. Estou simplesmente argumentando que tal doutrina da "justificação final" é o trabalho externo lógico de toda a confiança Wesleyana na "graça responsável" e a contraparte escatológica Adventista, é o Julgamento Investigativo.

[17]. Veja Oden, pp. 351 ff.

[18]. Termo descritivo meu, não de Wesley.

4/18/05